TRADUCÇÃO DE TODAS AS

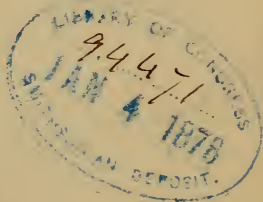
FABULAS DE PHEDRO

DO ORIGINAL LATINO PARA PORTUGUEZ

Para auxílio dos estudantes de latim

POR

JOÃO FELIX PEREIRA

Médico, engenheiro civil, agronomo e professor de história no lyceo nacional de Lisboa

LISBOA

41—TYP., RUA DA VINHA—43

1871

LIVRO I

Prologo

Eu poli, em versos de seis pés, aquella materia, que o auctor Esopo inventou. A importancia do livrinho é dupla; porque move o riso, e porque adverte a vida com prudente conselho. Mas se alguem quizer calumniar, porque não só os animaes, mas tãobem as árvores falem, lembre-se, que estamos gracejando com fingidas fábulas.

Fabula I. O LOBO E O CORDEIRO.

Um lobo e um cordeiro, apertados pela sede, chegárão ao mesma regato: o lobo estava acima, e o cordeiro muito mais para baixo. Então, o ladrão, incitado pela guela voraz, achou pretexto para disputar. «Porque turvas —diz elle—esta agua, que estou bebendo?» O cordeiro amedrontado respondeu: «Perdão, ó lobo, como posso eu fazer isso, de que te queixas? A agua corre de ti para meos

labios.» Elle, repellido pela fôrça da verdade, diz: «Disseste mal de mim, ha seis mezes.» O cordeiro respondeu: «Ainda eu não tinha nascido.» «Por Hercules—accrescentou—então foi teo pae, quem disse mal de mim.» E sem mais razões o agarra e despedaça, dando-lhe uma morte injusta.

Esta fábula foi escripta por causa d'esses homens, que, com fingidos pretextos, opprimem os innocentes.

Fab. II. As rans pedindo um rei.

Quando Athenas florescia por suas justas leis, uma imprudente liberdade perturbou a cidade, e a licença tirou o antigo freio. D'aqui resultou, formarem-se facções; e Pisistrato occupa o castello. Como os atticos chorassem sua triste servidão, não porque elle fosse cruel, mas porque não estavão acostumados a tão pesado onus, e principiassem a queixar-se, Esopo contou esta fábulazinha. As rans, que vagueavão nas livres alagoas, pedirão, com grande clamor, a Jupiter, um rei, que, á fôrça, reprimisse os costumes dissolutos. O pae dos deuses riu-se, e lhes deu um pequeno

páo; o qual, deitado, de subito, em seo charco, aterrou, com o movimento e o som, a timida raça. Tendo elle estado, muito tempo, mergulhado no lodo, uma, por acaso, deitou a cabeça fora d'agua, e, examinando o rei, chama todas. Ellas, deixado o temor, nadão á porfia; e a petulante turba salta sobre o páo; e, havendo-lhe dirigido toda a casta de injùrias, mandárão pedir outro rei a Jupiter, visto que era inutil o que fôra dado. Então, Jupiter lhes mandou uma hydra, que principiou a tragal-as, a uma e uma, com aspero dente. Debalde, ellas, sem fòrça, fogem da morte: o medo lhes tolhe a voz. Portanto, dão, furtivamente, a Mercurio, uma mensagem para Jupiter, a fim que as succorra a ellas afflictas. Então o deus respondeu: «Já que não quizestes soffrer o vosso bom rei, supportae o máo.» «Vos, tãobem, ó cidadãos—diz Esopo—supportae este mal, para que não venha maior.»

Fab. III. O GAIO SOBERBO E O PAVÃO.

Esopo nos apresentou este exemplo, para que não nos vangloriemos dos bens alheios, e vivamos, antes, segundo a propria condição.

Um gaio, inchado de van soberba, levantou as pennas, que tinhão caido a um pavão, e se enfeitou com ellas: depois, desprezando os seos, misturou-se com um formoso bando de pavões. Estes arrancão as pennas á imprudente ave, e a afugentão ás picadas. O gaio, mal recebido, tornou afflicto para ós da sua especie, dos quaes, sendo repellido, passou por triste vergonha. Então, um dos que elle desprezára, disse: «Se estivesses contente em nossas habitações, e quizesses soffrer o que a natureza te dera, não terias experimentado aquella injúria, nem tua infelicidade sentiria esta repulsa.»

Fab. IV. Um cão, que levava carne por um rio.

Quem appetece o alheio, com razão perde o que é seo.

Um cão, que ia nadando por um rio com um boccado de carne, viu sua imagem no espelho das aguas, e julgando, que era outra prêsa levada por outro cão, quiz tirar-lha: mas sua avidez foi enganada, e elle largou a co-

mida, que tinha na bocca; nem poude tocar na que desejava.

Fab. V. A VACCA, A CABRINHA, A OVELHA E O LEÃO.

A sociedade com o poderoso nunca é fiel. Esta fabulazinha certifica a minha asserção.

Uma vacca, uma cabrinha e uma ovelha, animal soffredor de injúrias, se associárão, nas brenhas, com um leão. Tendo elles apanhado um veado de vasto corpo, feitos quatro quinhões, o leão falou assim: «Tomo o primeiro, porque me chamo leão: conceder-me-eis o segundo, porque sou valente: o terceiro me pertencerá, porque sou mais robusto: se alguem tocar no quarto, ha de soffrer damno. D'este modo, só a perversidada levou a prêsa toda.»

Fab. VI. AS RANS CONTRA O SOL.

Esopo viu as célebres nupcias d'um ladrão, seo vizinho, e principia logo a narrar:

Querendo, outrora, o sol casar-se, as rans levantárão um clamor até aos astros. Jupiter,

movido pela algazarra, pergunta a causa da queixa. Então, uma habitante do charco diz: «Agora, um só secca os lagos todos, e obriga as miseras a morrer em logar secco: que será para o futuro, se tiver filhos.»

Fab. VII. A RAPOZA PARA A MASCARA DE THEATRO

Uma rapoza vira, por acaso, uma mascara de theatro. «Oh! quão grande belleza—diz—não tem o cerebro!»

Este dicto é para aquelles, a quem a fortuna concedeu honras e gloria, mas privou de senso commum.

Fab. VIII. O LOBO E O GROU.

Quem deseja dos máos o preço do serviço, que lhes prestou, pecca duas vezes: em primeiro logar, porque succorre indignos; em segundo logar, porque já não pode escapar impunemente.

Ficando atravessada na guela d'um lobo um osso, que elle devorára, o animal, vencido pela grande dor, começou a chamar todos

com um premio, para que lhe tirassem aquelle mal. Finalmente, um grou foi persuadido com juramento, e, confiando seo comprido pescoço á guela do lobo, fez-lhe uma operação perigosa. Pelo quê, pedindo o grou o premio pactuado, o lobo diz: «E's ingrato; tu, que, de nossa bocca, tiraste incolume tua cabeça e pedes paga.»

Fab. IX. O PARDAL E A LEBRE.

Mostremos, em poucos versos, que é loucura, não nos acautelarmos e darmos conselho aos outros.

Um pardal reprehendia uma lebre, que estava agarrada por uma aguia e que chorava amargamente. «Onde está — diz — aquella ligeireza, de todos conhecida? Como é, que teos pés se não moverão?» Emquanto o pardal está falando, um açor o arrebata inesperadamente, e o mata, não obstante o seo queixume. A lebre, semiviva, consolando-se com a morte, diz: «Tu, que, ha pouco, seguro, zombavas de nosso mal, deploras teo fado com queixume similhante.»

Fab. X. O lobo e a rapoza, e o macaco feito juiz.

Todo aquelle que, uma vez, se deu a conhecer por alguma torpe fraude, perde o credito, ainda que fale verdade. Attesta-o esta breve fábula de Esopo.

Um lobo arguia uma rapoza do crime de furto: a rapoza negava, que estivesse culpada. Então o macaco se sentou entre elles, como juiz. Tendo um e outro perorado sua causa, conta-se, que o macaco proferira esta sentença: «Tu não pareces ter perdido o que pedes: acredito, que furtaste o que, astutamente, negas.

Fab. XI. O burro e o leão, andando á caça.

Quem tem falta de coragem, e com palavras se vangloria, engana os ignorantes, mas serve de brinco aos que o conhecem.

Um leão, querendo caçar em companhia de um burrinho, o encobriu num mato, e ao mesmo tempo lhe advertiu, que aterrasse as feras com sua desusada voz, para que elle as surprendesse, quando fossem fugindo. O ore-

lhudo levanta, com todas as fôrças, um repentino zurro, e, com este novo prodigio, espanta os animaes; os quaes, emquanto, cheios de medo, demandão seos conhecidos covis, são perseguidos pelo horrendo impeto do leão. Este, cansado da matança, chama o burro, e manda, que se cale. Então, elle, insolente, diz: «Que te parece este serviço de minha voz?» «Tão insigne—responde o leão—que, se eu não conhecesse teo ânimo e tua raça, fugiria com igual medo.»

Fab. XII. O veado ao pé d'uma fonte.

Esta narrativa faz ver, que, muitas vezes, se achão mais uteis as cousas, que desprezas do que as que louvas.

Um veado, tendo bebido a uma fonte, parou, e viu sua imagem na agua. Ahi, emquanto, olhando, gaba sua ramosa cornadura, e vitupera a nimia delgadeza das pernas, de repente atemorizado pelas vozes dos caçadores, deitou a fugir pelo campo, e com veloz carreira illudiu os cães. Diz-se, que então, moribundo, proferira estas vozes: «Ó desgraçado de mim, que, finalmente, agora, enten-

do, que me serião uteis as cousas, que desprezára, e quanta magoa me causarião as que louvára!»

Fab. XIII. A RAPOZA E O CORVO.

Os que folgão de ser elogiados com palavras astuciosas, soffrem a pena torpe e tardio arrependimento.

Querendo um corvo, pousado em uma alta árvore, comer um queijo, que roubára d'uma janela, uma rapoza o viu; depois começou a falar assim: «Oh, corvo, quão grande é o esplendor de tuas pennas! quanta belleza tens no corpo e no vulto! se tivesses voz, nenhuma outra ave seria primeira.» Mas elle, estulto, querendo mostrar sua voz, largou da bocca o queijo, o qual a enganadora rapoza agarrou, logo, com avidos dentes. Então, finalmente, a enganada estupidez do corvo gemeu. Com este exemplo se prova, quanto vale o engenho, e quanto a sabedoria vale mais que o valor.

Fab. XIV. O MÉDICO, QUE FÔRA SAPATEIRO.

Um remendão, perdido de pobreza, principiando a exercer a medicina em logar desconhecido, e vendendo antidoto com falso nome, adquiriu fama por seos verbosos arrazóados. Um dia, o rei da cidade, estando de cama, acommettido d'uma doença grave, para experimental-o, pediu um copo: depois de deitar agua, fingindo, que misturava veneno com o contraveneno d'elle, ordenou-lhe, que bebesse, propondo um premio. Elle, com o temor da morte, confessou então, que se fizera célebre, não pela conhecimento da arte médica, mas pela estupidez do povo. O rei, reunida a gente, disse: «De quão grande demencia julgais que sois, vós, que não duvidais entregar as vossas vidas a quem ninguem confiou os pés para calçar? Direi, que isto respeita, verdadeiramente, áquelles, cuja estulticia é o ganho da impudencia.»

Fab. XV. O BURRO PARA O PASTOR VELHO.

Em mudar o principado dos cidadãos, os pobres nada veem mudar senão o nome de

seo principe. Que isto é verdade, esta fabulazinha o indica.

Um timido velho apascentava um burrinho num prado: elle, aterrado pelo subito clamor dos inimigos, persuadia ao burro que fugisse, para que não pudessem ser apanhados. Mas elle, vagaroso, diz: «Pergunto, por ventura julgas, que o vencedor me ha de pôr duas albardas?» O velho disse, que não. O burro accrescentou: «Pois que me importa, a quem sirva? se tenho sempre de trazer a minha albarda?»

Fab. XVI. O VEADO E A OVELHA.

Quando um embusteiro compra a credito, dando má fiança, não deseja satisfazer, mas preparar algum engano.

Um veado pedia a uma ovelha uma medida de trigo, dando o lobo por fiador. Ella, porêm, receosa do lobo, disse: «O lobo teve sempre o costume de roubar e retirar-se; tu, o de fugir da vista, com impeto veloz: onde vos hei procurar, quando chegar o dia?»

Fab. XVII. A ovelha, o cão e o lobo.

Os mentirosos costumão ser punidos de seo maleficio.

Tendo um cão calumniador pedido a uma ovelha um pão, que elle affirmava haver-lhe emprestado, um lobo, citado para testimunha, disse, que não se devia um só, mas affirmou, que dez. A ovelha, condemnada por um falso testimunho, pagou o que não devia. Poucos dias depois, a ovelha viu o lobo morto em uma cova. «Tal é—diz ella—a paga do engano dada pelos deuses.»

Fab. XVIII. A cadella parindo.

Os carinhos do homem máo encerrão traições, para evitar as quaes nos admoestão as seguintes palavras.

Uma cadella, estando para parir, rogando a outra, que lhe deixasse depor os fetos em seo tugurio, facilmente o alcançou: depois á que reclamava o logar, fez súpplicas, alcançando um breve espaço de tempo, até que podesse ter os cachorros mais robustos. Consumido tãobem este tempo, entreu a pedir a

casa com mais instancia. «Se puderes—diz—igualar-te a mim e á minha turba, sairei do logar.»

Fab. XIX. Os cães famintos.

Um projecto estulto, não só deixa de effectuar-se, mas tãobem expõe os mortaes á ruina. Uns cães virão uma pelle mergulhada num rio: para poderem comel-a, mais facilmente, depois de tirada, principiárão a beber agua, mas perecêrão arrebentados, antes de tocarem no que tinhão desejado.

Fab. XX. O leão velho, o javali, o touro e o burro.

Todo aquelle que perdeu a antiga dignidade, serve tãobem de ludibrio aos cobardes, em caso grave.

Um leão, abatido pelos annos e desamparado das fôrças, estava deitado, e quasi exhalava o último suspiro, quando um javali, com dentes fulminantes, veio ter com elle, e, com uma ferida, vingou antiga injúria. Logo depois, um touro furou, com os infestos cornos, o corpo

do inimigo. Um burro, apenas viu a fera ser impunemente maltractada, lhe esmaga a cabeça com couces. Mas o leão, expirando, diz: «Soffri, com indignação, que os fortes me insultem; mas, visto que sou obrigado a soffrer-te, deshonra da natureza, parece-me, na verdade, morrer duas vezes.»

Fab. XXI. A DONINHA E O HOMEM.

Uma doninha, apanhada por um homem, querendo escapar á morte imminente, diz: «Peço, que me perdoes, a mim, que te limpo a casa de molestos ratos.» Elle respondeu: «Se o fizesses por minha causa, seria agradavel, e eu te perdoaria á ti supplicante. Agora, visto que trabalhas para gozares dos restos, que elles hão de roer, e juntamente devorares os mesmos ratos, não queiras fazer valer um beneficio vão.» E assim falando, matou a malfazeja.

Devem reconhecer isto, como dicto a si, aquelles, que trabalhão para sua utilidade particular, e se jactão d'um vão merecimento ás pessoas simples.

Fab. XXII. O CÃO FIEL.

Uma pessoa, de repente liberal, é agradavel aos nescios, mas arma baldados enganos aos discretos.

Havendo um ladrão nocturno deitado pão a um cão, experimentando, se poderia ser enganado com a comida, o cão diz: «Olá, queres tapar-me a bocca, para não ladrar a favor da fazenda de meo dono: estás muito enganado; porque esta subita benignidade me ordena vigiar, para que não lucres por minha culpa.»

Fab. XXIII. A RAN ARREBENTADA E O BOI.

O pobre deita-se a perder, quando quer imitar o rico.

Uma ran viu, num certo prado, um boi, e, tocada de inveja por tamanha estatura, inchou a rugosa pelle: então perguntou a seos filhos, se estava mais corpulenta. Elles disserão, que não. Segunda vez estirou a pelle com maior esfôrço, e, de semelhante modo, perguntou, quem era maior? Elles disserão: «O boi.» Por

ultimo, indignada, querendo inchar-se com mais fôrça, ficou com o corpo arrebentado.

Fab. XXIV. O CÃO E O CROCODILO.

Os que dão maos conselhos ás pessoas cautas, não só perdem seo trabalho, mas tãobem são friamente escarnecidos.

Conta-se, que os cães, quando bebem no rio Nilo, vão a correr, para não serem apanhados pelos crocodilos. Por isso, principiando um cão a beber correndo, um crocodilo lhe disse assim: «Lambe á vontade, bebe com descanso, não tenhas medo.» Mas elle disse: «Por Hercules, isso eu faria, se não soubesse, que tu gostas da minha carne.»

Fab. XXV. A RAPOZA E A CEGONHA.

Não se deve fazer mal a ninguem: mas se alguem o fizer, esta fabulazinha admoesta, que merece um tratamento similhante.

Diz-se, que uma rapoza convidára, primeiro, uma cegonha para uma ceia, e que lhe apresentára num prato uma bebida, que de nenhum modo a faminta cegonha podia tomar.

Por sua vez, a cegonha convidou a rapoza, e lhe apresentou uma garrafa, cheia de comida pisada. A cegonha, introduzindo na garrafa o bico, farta-se e atormenta com fome a convidada: e estando a rapoza a lamber, em vão, o gargalo da garrafa, sabemos, que a ave peregrina falára assim: «Qualquer deve soffrer os seos exemplos com ânimo sereno.»

Fab. XXVI. O CÃO, O THESOURO E O ABUTRE.

Esta fábula pode ser applicavel aos avarentos, e aos que, tendo nascido pobres, procurão chamar-se ricos.

Um cão, fossando ossos humanos, achou um thesouro: e porque violára os deuses Manes, foi-lhe inspirada a cobiça das riquezas, para que, com esta pena, satisfizesse á sancta religião. Assim, em quanto guarda o ouro, esquecido da comida, se definha de fome. Conta-se, que um abutre, pousando sobre elle, dissera: «Ó cão, com razão ahi jazes, tu, que, de repente, cobiçaste riquezas reaes, tu, nascido numa encruzilhada e criado na immundicie.»

Fab. XXVII. A RAPOZA E A AGUIA.

Os homens, por mais elevada que seja sua posição, devem temer os humildes, porque a vingança está patente á docil destreza.

Outrora, uma aguia roubou uns rapozinhos e os poz no ninho, para que as aguiazinhas se alimentassem d'elles. A rapoza, correndo atraz d'ella, começa a pedir, que lhe não cause tanta tristeza a ella miseravel. Ella não fez caso, porque se julgava segura no seo ninho. A rapoza tirou d'um altar um facho acceso, e cercou de chammas toda a árvore, entristecendo a inimiga com a perda dos filhos d'ella. A aguia, para salvar os seos do perigo da morte, supplicando á rapoza, entregou-lhe os filhos incolumes.

Fab. XXVIII. AS RANS, TEMENDO OS COMBATES DOS TOUROS.

Os humildes estão em perigo, quando os poderosos estão em discordia.

Uma ran, vendo, de seo charco, um combate de touros, diz: «Ai, quão grande desgraça nos está imminente!» Interrogada por outra,

porque dizia isto, estando os bois disputando sobre o principado da manada, e vivendo longe d'ellas, diz: «Sua habitação é separada, e diversa a sua raça: mas o que, repellido, fugir da selva, ha de vir aos secretos escondrijos do charco e nos ha de esmagar com dura pata. Assim o furor d'elles ameaça nossa vida.»

Fab. XXIX. O MILHAFRE E AS POMBAS.

Quem se entrega a um homem mao, para ser defendido, acha a ruina, procurando auxilio.

Havendo as pombas, muitas vezes, fugido do milhafre, e evitado a morte com a celeridade das asas, o roubador projectou enganal-as e illudiu a inerme geração com este ardil: «Por que razão quereis levar antes uma vida inquieta, do que crear-me vosso rei, feita uma alliança, com que eu vos defenda de toda a injúria?» Ellas, acreditando, se entregão ao milhafre, o qual, conseguindo o mando, entrou a devorar cada uma de per si, e a exercer o govêrno com unhas crueis. Então uma

das restantes disse: «Com razão somos castigadas.»

LIVRO II

Prologo

O genero humano se regula pelos exemplos de Esopo; nem outra cousa se procura nas fabulazinhas, senão que o erro dos mortaes seja corrigido, e a diligente indústria se estimule. Qualquer que for a graça do narrador, com tanto que deleite o ouvido, e preencha o seo fim, recommenda-se pelo que a cousa é, não pelo nome do auctor. Na verdade, conservarei, com todo o cuidado, o costume do velho. Se, porêm, convier interpor alguns dictos, para que a variedade deleite os sentidos, eu quizera, ó leitor, que o tomasses á boa parte. Assim a brevidade te recompensará a bondade, para que a recommendação d'ella não seja verbosa.

Fab. I. O NOVILHO, O LEÃO E O LADRÃO.

Attende, por que razão devas dizer que não

aos cobiçosos e offerecer aos moderados o que não pedirem.

Um leão estava sobre um novilho deitado por terra. Um ladrão chegou, pedindo uma parte. O leão disse: «Dar-te-ia, se não costumasses colher por ti mesmo:» e desprezou o malvado. Por acaso, um innocente caminhante appareceu no mesmo logar, e, vista a fera, recuou. O leão disse-lhe socegado: «Não ha que temer, e toma com afouteza a parte, que é devida á tua moderação.» Então, dividida a presa, partiu para as brenhas, para deixar chegar o homem.

E' na verdade um louvavel e excellente exemplo, porêm a avidez é rica e o poder é pobre.

Fab. II. Uma velha e uma rapariga, que amavão um homem de meia edade.

Na verdade, apprendemos, por meio de exemplos, que os homens são, de todas as maneiras, roubados pelas mulheres, quer amem, quer sejão amados.

Uma mulher não grosseira, que occultava os annos com a elegancia, amava um homem

de meia edade: e uma formosa jovem lhe grangeára tãobem os affectos. Em quanto ambos querem parecer eguaes a elle, começárão, alternadamente, a escolher os cabellos ao homem. Julgando, que se adornava com o cuidado das mulheres, depressa se tornou calvo, porque a rapariga arrancára todos os brancos, a velha todos os pretos.

Fab. III. O HOMEM E O CÃO.

Um certo homem, mordido por um cão damnado, deitou ao malfeitor um boccado de pão, tincto no sangue; porque ouvíra dizer, que era remedio da ferida. Então Esopo disse assim: «Não queiras fazer isso na presença dos outros cães, para que não devorem vivos, quando souberem, que tal é o premio da culpa.

O bom exito dos malvados attrahe muitos.

Fab. IV. A AGUIA, A GATA E O JAVALI,

Uma aguia fizera o ninho em um alto carvalho: uma gata, encontrando uma cavidade no meio, aqui parira: uma porca, habitante dos

bosques, parira em baixo. Então a gata destruiu a casual sociedade com esta fraude e torpe malicia. Sobe ao ninho da ave, e diz: «A desgraça te está imminente, e talvez a mim tãobem miseravel: pois estás vendo o javalí cavar a terra todos os dias; quer derribar o carvalho, para no chão apanhar facilmente nossos filhos.» Espalhado o terror e perturbados os sentidos da aguia, a gata desceu á toca da cerdosa porca e disse: «Em grande perigo estão teos filhos; porque assim que saires a pasto com a tenra grei, a aguia está preparada para te roubar os bacorinhos.» E depois de ter enchido de temor este logar tãobem, a enganadora se recolheu em seo buraco seguro. Depois, saindo de noite, pé ante pé, logo que se encheu de comida, a si e sua prole, fingindo ter medo, está, todo o dia, á espreita. A aguia, temendo sua ruina, permanece ociosa nos ramos. A javali, para evitar o roubo, não sae. Que mais direi? Morrêrão todos de fome com os seos; e servirão de lauto banquete aos filhos da gata.

A estulta credulidade pode ensinar, quanto mal o homem bilingue causa muitas vezes.

Fab. V. Cesar a um porteiro.

Ha em Roma uma certa classe de homens mettediços, que andão correndo com incerteza, occupados em bagatellas, cansados sem necessidade, trabalhando muito para não fazer nada, incommodos para si, muito odiosos para os outros. Quero, com esta fabulazinha verdadeira, emendar esta classe de homens, se, todavia, o puder. Convem muito, prestar attenção.

Havendo o imperador Tiberio partido para Napoles, e chegado á sua quinta de Miseno, a qual, situada por Lucullo em um alto monte, avista os mares da Sicilia e Etruria: um dos porteiros de fato arregaçado, pendendo-lhe dos hombros uma capa de linho pelusio, com borlas cahidas, vendo seo senhor passeando no viçoso jardim, começou a borrifar, com um regador de madeira, o chão, que abrazava, mostrando-se obsequiador: mas é escarnecido. Depois, por atalhos, que elle conhecia, corre a outro passeio, apagando o pó. O Cesar conhece o homem e entende a cousa. Julgando, que isto era, não sei de que utilidade, o senhor disse: «Olá!» Elle, immediata-

mente, acode com a alegria da recompensa, pelo menos, da bofetada. Então a majestade de tão grande senhor assim zombou: «Não fizeste muito, teo trabalho foi baldado: em minha casa as bofetadas vendem-se por muito maior preço.»

Fab. VI. A AGUIA, A GRALHA E A TARTARUGA.

Contra os poderosos ninguem está assaz seguro: mas se sobrevem um conselheiro malfazejo, então destroe-se o que a fôrça e a maldade acommettem.

Uma aguia levantou ao ar uma tartaruga: e como esta tivesse o corpo escondido em sua cornea habitação, e do modo nenhum pudesse, assim occulta, ser maltratada, veio pelos ares uma gralha, e, voando ao pé d'ella, disse: «Com effeito, arrebataste nas garras uma prêsa excellente; mas se eu te não ensinar o que deves fazer, em vão te cansarás com o grande pêso.» Promettida uma parte, a gralha persuade a aguia a que deixe cair dos altos astros, sobre um rochedo, a dura casca, para se quebrar, e poder a aguia facilmente comer. A aguia, induzida, cedeu a estas admoesta-

ções, e repartiu liberalmente a eguaria com a mestra. Assim, aquella que fôra defendida pelo dom da natureza, sendo desegual a ambas, morreu d'uma triste morte.

Fab. VII. Os machos e os ladrões.

Dous machos ião carregados: um levava os ceirões com dinheiro; o outro levava saccos cheios de cevada. Aquelle, rico com o pêso e com a cabeça erguida, fazia tocar a sonora campainha, que trazia ao pescoço: o companheiro o segue com passo lento e pausado. De repente, saem ladrões d'uma emboscada, ferem o macho com um ferro, furtão o dinheiro e não fazem caso da cevada, como cousa insignificante. Por tanto, estando o roubado a chorar sua desgraça, o outro diz: «Na verdade, me alegro por ter sido desprezado, porque nada perdi, nem estou ferido.

Com esta fábula se mostra, que a pobreza dos homens está segura, e as riquezas obnoxias em grande perigo.

Fab. VIII. O VEADO E OS BOIS.

Um veado, expellido dos escondrijos dos bosques, cheio de cego temor, caminha para uma quinta proxima, para fugir á morte, de que os caçadores o ameaçavão, e se escondeu em um commodo estabulo. Aqui um boi, vendo-o escondido, diz-lhe: «Que quizeste, infeliz, tu, que, voluntariamente, correste á morte e entregaste a vida á casa de homens?» Mas elle supplicante responde: «Vós, ao menos, poupae-me, tornarei a sair, logo que se offereça occasião.» Anoitece. O boieiro traz folhas, e não o vê. Todos os campinos vão e vem de quando em quando; nenhum adverte: passa tãobem o abegão, e nem este repara. Então o animal, folgando, começou a agradecer aos discretos bois, por lhe haverem dado valhacouto em occasião crítica. Um respondeu: «Na verdade, te desejâmos salvo; mas se vier aquelle, que tem cem olhos, tua vida está em grande perigo. Entretanto, o proprio dono volta da ceia: e porque, ha pouco, víra os bois magros, entra no estabulo, e diz: «Porque está aqui pouca palha; faltão camas; que trabalho dá, tirar estas teias de aranha?»

Emquanto esquadrinha cada uma das cousas, vê tãobem os altos esgalhos do veado, o qual, convocada a familia, elle manda, que seja morto, e leva a prêsa.

Esta fábula significa, que o dono vê muito nas suas cousas.

Epilogo

Os atticos erigírão uma estátua ao talento de Esopo, e collocárão um escravo no eterno pedestal, para que todos soubessem, que a carreira das honras está patente, e que a glória não se concede ao nascimento, mas á virtude. Visto que outro obstou a que eu fosse o primeiro, estudei, para que elle não fosse unico; o que me restava. Nem isso é inveja, mas emulação. Ora, se o Lacio favorecer o meo trabalho, terá muitos, que opponha á Grecia. Se a inveja quizer censurar o meo cuidado, não me ha de tirar, comtudo, a consciencia do merecimento. Se o nosso estudo chegar aos teos ouvidos, e teo ânimo apreciar minhas fábulas, fingidas com arte, a felicidade me tirará todo o motivo de queixa. Se, porêm, este erudito trabalho vier a cair nas mãos d'es-

ses, que a infeliz natureza deu á luz, e que não podem senão criticar os melhores, soffrerei, com coração constante, a fatal desgraça, até que a fortuna se envergonhe de seo crime.

LIVRO III

Prologo a Euticho

Se desejas ler os livrinhos de Phedro, convem, que tu, Euticho, estejas desoccupado, para que o espirito livre sinta a fôrça da poesia. «Mas—dizes—o teo talento não é de tanto merito, para que se perca um momento de minhas occupações.» Não ha, pois, razão, para que tuas mãos toquem no que não convem a ouvidos occupados. Dirás talvez: «Virão algumas ferias, que me chamem ao estudo com ânimo livre.» Por ventura, peço-te, que antes leias os insignificantes contos, do que cuides nas cousas domésticas, empregues o tempo com os amigos, te entretenhas com a esposa, recreies o espirito, dês descanso ao corpo; para que, com mais energia, cumpras tua cos-

tumada obrigação? Teo proposito e genero de vida devem ser mudados, se pensas em entrar no sanctuario das Musas. Eu, a quem minha mãe deu á luz no monte Pierio, no qual a deusa Mnemosyne, nove vezes fecunda de Jupiter Tonante, pariu o coro das artes; postoque eu tenha nascido quasi na mesma eschola, e tenha riscado no coração todo o cuidado de possuir, e com muito louvor me tenha applicado a esta vida, comtudo sou difficilmente recebido no ajuntamento dos sabios. Que julgas succeder áquelle, que procura com todo o cuidado, juntar grandes riquezas, antepondo o doce lucro ao estudo? Seja, porêm, como for (como disse Sinon, quando foi apresentado ao rei de Troia) escreverei terceiro livro no estylo de Esopo, dedicando-o á tua glória e aos teos merecimentos. Se o leres, alegrar-me-ei; se não, os vindouros terão, de certo, com que se deleitem.»

Agora, brevemente ensinarei, por que razão se inventou o genero das fábulas. A obnoxia escravidão, não se atrevendo a dizer as cousas, que queria, trasladou os proprios affectos para fabulazinhas, e evitou a calumnia com graças fingidas. Fiz, na verdade, do atalho

de Esopo uma estrada, e inventei mais do que elle deixára, escolhendo certas cousas para a minha infelicidade. Ora, se o accusador fosse outro que não Sejano, se outra a testemunha, outro, finalmente, o juiz, eu confessaria, ser digno de tantos males, nem abrandaria a dor com estes remedios. Se alguem errar em sua suspeita, e attribuir a si o que for commum a todos, estultamente dará a conhecer, que se sente incurso. Eu quizera, todavia, ser desculpado para com este: não tenho na mente, notar cada um de per si; porêm mostrar a vida e os costumes dos homens.

Talvez alguem diga, que eu emprehendo cousa difficil. Se o phrygio Esopo, se o scytha Anacharsis, puderão, com seo talento, adquirir fama eterna, eu que estou mais perto da Grecia lettrada, porque hei de abandonar a honra da patria ao inerte somno? enumerando a Thracia os seos auctores, e sendo Apollo pae de Lino, e uma musa mãe de Orpheo, o qual, com seo canto, moveu as pedras, domou as feras e conteve, com doce demora, os impetos do Hebro. Portanto, retira-te d'aqui, inveja, para não gemeres em vão, por me ser devida solemne glória.

Eu te induzi a ler: peço, que me dês um sincero juizo, com tua conhecida candura.

Fab. I. A VELHA A UMA TALHA.

Uma velha viu, no chão, uma talha de excellente barro, ainda com fezes de vinho falerno, que espalhava ao longe agradavel cheiro. Logo que a sofrega o tomou com as ventas mui abertas, disse: «Ó suave espirito, de que boa qualidade não direi que tu foste, sendo taes os restos?»

Quem me conhecer, dirá a que isto se refere.

Fab. II. A PANTHERA E OS PASTORES.

Os que são desprezados, costumão retribuir com egual tratamento.

Noutro tempo, uma panthera imprudente se deixou cair numa cova. Os camponezes vírão: uns amontoão paos, outros carregão-na de pedras; alguns, pelo contrário, compadecidos, lhe deitárão pão, para viver ainda algum tempo; pois morreria, aindaque ninguem a maltractasse. Sobreveio a noite, retirão-se,

seguros, para casa, como para achal-a morta no dia seguinte. Porêm ella, apenas refez as fôrças languidas, se livra da cova com um salto veloz, e caminha com passo accelerado para o seo covil. Passados poucos dias, sae correndo, trucida o gado, mata os mesmos pastores, e, com irado impeto, se embravece, devastando tudo. Então, os que tinhão poupado a fera, temendo por si, não se recusão ao damno, mas pedem, que lhes conserve a vida. Porêm ella diz: «Lembro-me dos que me atirárão pedras, dos que me derão pão: cessae de temer; volto-me, como inimiga, para os que me offendêrão.»

Fab. III. A cabeça do mono.

Um sujeito viu um mono pendurado em um açougue entre outras mercadorias. Perguntou, que sabor teria. O cortador disse gracejando: «O sabor é tal, qual a cabeça.»

Julgo este dicto, antes como uma graça, do que como uma verdade; porque tenho encontrado homens pessimos e formosos, e tenho conhecido muitas pessoas optimas, com semblante feio.

Fab. IV. Esopo e o petulante.

O bom exito arrasta muitos á ruina.

Um certo petulante atirára uma pedra a Esopo. «Tanto melhor» disse este: depois deu-lhe um ás, e proseguiu assim: «Não tenho mais, por Hercules; porêm mostrar-te-ei, onde possas receber. Ahi vem um rico e poderoso: atira-lhe egualmente uma pedra, e receberás digno premio.» Elle, persuadido, fez o que foi aconselhado. Mas a esperança falhou á impudente audacia; porquanto foi prêso e crucificado.

Fab. V. A mosca e a mula.

Uma mosca pousou no temão d'um carro e, reprehendendo a mula, diz: «Quão vagarosa és, não queres andar mais depressa? Olha não te pique o pescoço com o ferrão.» Ella respondeu: «Não me movo com tuas palavras: não tenho medo senão d'esse, que, no primeiro assento, regula o meo jugo com flexivel chicote, e sustêm as redeas, fazendo espumar os freios. Deixa, pois, tua frivola in-

solencia. Bem sei, quando se deve parar, e quando correr.»

Com esta fábula pode, com razão, ser escarnecido, quem, sem valor, faz ameaças vans.

Fab. VI. O cão e o lobo.

Quão doce seja a liberdade, brevemente exporei.

Um lobo, consumido de magreza, encontrou, por acaso, um cão muito gordo; e saudando-se um ao outro, parárão. O lobo disse: «Rogo-te, me digas, de que provêm estares tão gordo? ou que comes, para engordares tanto? Eu, que sou muito mais forte, morro de fome.» O cão responde com simplicidade: «As mesmas vantagens ha para ti, se podes prestar egual serviço a um dono.» «Que serviço—diz elle—» «Guardar a porta, e de noite defender dos ladrões a casa.» «Estou prompto: agora soffro neves e chuvas, levando nas selvas aspera vida. Quanto me é mais commodo, viver debaixo de telha, e, ocioso, saciar-me de abundante comida?» «Portanto, vem comigo.» Em quanto caminhão, o lobo vê o pescoço do cão pelado da cadeia. «Que

é isso, amigo?» «Não é nada.» «Mas dize, rogo-te.» «Como pareço arrogante, prendem-me de dia, para descansar, e vigiar, logo que a noite chegue. Solto ao lusco fusco, ando por onde me parece. Sem eu o pedir, me é trazido pão; meo senhor dá-se ossos de sua mesa; a familia deita-me boccados e o condimento, que cada um já não quer. Assim, meo ventre se enche sem trabalho.» «Olá, se desejas ir para alguma parte, tens licença?» «Não completamente.» «Cão, goza do que elogias, não quero reinar, uma vez que não seja livre.»

Fab. VII. O irmão e a irman.

Admoestado por este preceito, examina-te muitas vezes.

Um certo homem tinha uma filha muito feia, e um filho de notavel formosura. Elles, brincando como creanças, por acaso vírão um espelho na cadeira de sua mãe. Elle gaba-se de formoso: ella, tomando tudo (porque não?) como injùria, ira-se, nem soffre as graças do irmão, que se gloria. Por tanto, corre para seo pae, para de sua parte offender o irmão, e com grande inveja o accusa; porque, sendo

varão, mexêra numa cousa propria para mulheres. O pae, abraçando e beijando um e outro, e com ambos repartindo o doce amor, diz: «Quero, que useis do espelho, todos os dias: tu, para que não corrompas a formosura com a maldade; tu, para que venças a fealdade com os bons costumes.»

Fab. VIII. Socrates aos amigos.

O nome de amigo é vulgar, mas a fidelidade é rara.

Havendo Socrates (cuja morte eu não evitaria, se alcançasse egual fama, e cederia á inveja, com tanto que, já reduzido á cinza, fosse absolvido) edificado para si umas pequenas casas, não sei quem do povo, como costuma succeder, disse assim: «Pergunto, tu, um tal varão, constroes uma casa tão acanhada?» «Oxalá—responde—a encha de verdadeiros amigos.»

Fab. IX. O frangão a uma perola.

Um frangão, em quanto procura de comer num monturo, acha uma perola, e diz: «Que

bella cousa, mas jazes num logar indigno! Oh, se alguem, cobiçoso de teo valor, te tivesse visto! ha muito terias voltado ao maximo esplendor. Eu, que te achei, para quem a comida seria melhor, não te posso ser util, nem tu o podes ser a mim.

Conto isto para aquelles, que me não entendem.

Fab. X. Ás abelhas e os zangãos, sendo juiza a vespa.

Umas abelhas tinhão feito seos favos no alto d'um carvalho: uns inertes zangãos dizião, que estes favos erão seos. A questão foi levada ao tribunal, sendo juiza uma vespa; a qual, conhecendo, perfeitamente, uma outra geração, propoz esta condição a ambas as partes: «O corpo não é dessimilhante e a côr é egual, para, com razão, o caso ser duvidoso: mas para que a minha sentença não peque por imprudente, recebei os cortiços e ponde o mel na cera, para que, pelo sabor d'elle e pela forma do favo, appareca o auctor das cousas, de que se está tractando. Os zangãos recusão: a condição agrada ás abelhas. Então, a

vespa pronunciou esta sentença: «Está claro, quem o não póde fazer, e quem o fez. Portanto, restituo ás abelhas o fructo de seo trabalho.»

Eu teria passado em silencio esta fábula, se os zangãos não tivessem faltada á sua palavra.

Fab. XI. Esopo brincando.

Um certo attico, vendo Esopo a jogar o jogo das nozes num rancho de creanças, parou e zombou d'elle, como d'um louco. O que apenas percebeu o velho, antes escarnecedor, do que digno de ser escarnecido, poz um arco desapertado no meio da rua, e diz: «Olá, meo sabio, explica o que acabo de fazer.» Concorre povo. O attico se afflige por muito tempo, sem entender a causa da pergunta. A final cedeu. Então o sabio vencedor diz: «Depressa quebrarás o arco, se o tiveres sempre tenso; mas, se o afrouxares, será util, quando quizeres.»

D'este modo, se deve, ás vezes, dar folga ao espirito, para elle voltar melhor ao seo exercicio.

Fab. XII. O CÃO E O CORDEIRO.

Um cão disse a um cordeiro, que andava balando entre as cabrinhas: «Louco, enganaste-te, não está aqui tua mãe:» e mostra-lhe ao longe as ovelhas separadas. «Não procuro aquella, que concebe, quando lhe apraz, depois traz o pêso desconhecido, durante alguns meses, e finalmente deixa cair a carga; mas a que me sustenta, dando-me a teta, e priva do leite os filhos, para me não faltar.» «Comtudo, a que te deu á luz, é melhor.» «Não é assim. Como soube ella, se eu nasci preto ou branco? Supponhamos, que o soubesse: sendo eu gerado macho, fez-me, na verdade, um grande beneficio com o meo nascimento, para eu, a toda a hora, estar aguardando o carniceiro. Aquella, cujo poder foi nullo em me gerar, porque ha de ser melhor do que a que se compadeceu de mim, que estava no chão, e voluntariamente me dá provas de doce benevolencia? A bondade, não o parentesco, faz os paes.»

Com estes versos, o auctor quiz demonstrar, que os homens resistem ás leis, e são attrahidos pelos beneficios.

Fab. XIII. A cigarra e a coruja.

Quem não é condescendente, quasi sempre tem o castigo de sua soberba.

Uma cigarra fazia uma cruel gritaria a uma coruja, acostumada a procurar o sustento nas trevas, e a dormir de dia, num escavado tronco. Foi rogada para que se calasse. Entrou a gritar com muito mais fôrça. Feito novo pedido. ella se agastou mais. A coruja, ao ver, que nada conseguíra com suas palavras, das quaes a cigarra escarnecía, apresentou-se á faladora com este ardil: «Como teo canto, que soa como a cithara de Apollo, me não deixa dormir, tenho tenção de beber o nectar, que Pallas me deu ha pouco: se não te desagrada, vem, bebamos juntamente. Ella, que ardia de sêde, apenas conheceu, que sua voz era louvada, voọu cobiçosamente. A coruja, saindo da cavidade, perseguiu a cigarra assustada e a matou. Assim, depois de morta, concedeu o que negára estando viva.

Fab. XIV. As árvores sob a protecção dos deuses.

Outrora, os deuses escolhêrão árvores, que elles querião ter sob a sua protecção. O carvalho agradou a Jupiter, a murta a Venus, o loureiro a Phebo, o pinheiro a Cibele, o alto choupo a Hercules. Minerva, admirada, perguntou, porque tomavão árvores silvestres. Jupiter disse a causa: «Para não parecer, que vendemos o fructo pelo culto:» «Mas, por Hercules, diga cada um o que quizer: a oliveira agrada-nos mais pelo fructo.» Então o pae dos deuses e creador do homem disse: «Ó filha, com razão has de ser chamada sábia por todos: se não é util o que fazemos, estulta é a gloria.»

Esta fabulazinha admoesta, que nada façamos, que não seja proveitoso.

Fab. XV. O pavão a Juno.

O pavão veio ter com Juno, levando a mal, que lhe não tivesse concedido o canto do rouxinol, que este fosse admiravel para todos os ouvidos, e que elle fosse escarnecido, apenas

fazia ouvir sua voz. Então, a deusa disse para consolal-o: «Mas tu o excedes na figura e no tamanho: o esplendor da esmeralda fulge-te no pescoço, e desenvolves uma gemmada cauda com pennas pintadas.» O pavão diz: «Para que me serve uma belleza muda, se sou vencido na voz?» «Por arbitrio dos fados, vos são dadas as cousas: a ti, a formosura; á aguia, as fôrças; ao rouxinol, a melodia; ao corvo, o agouro; á gralha, os presagios fortunados: e todos estão contentes com seos dotes.»

Não queiras ambicionar o que te não foi dado, para que a esperança illudida não redunde em queixume.

Fab. XVI. Esopo a um falador.

Sendo só Esopo a familia de seo senhor, foi mandado preparar a ceia mais cedo. Portanto, percorreu algumas casas, procurando lume; e finalmente achou onde accendesse a lanterna. Então, porque fizera mais longo caminho, indo de roda, tornou-o mais breve; e já voltava pela praça em linha recta. Um certo falador, d'entre a multidão, diz: «Esopo,

que fazes, ao meio dia, com uma luz?» «Procuro um homem:» diz; e apressando-se, se dirigiu para casa.

Se aquelle importuno reflectiu nisto, bem percebeu, que não parecêra homem ao velho, escarnecendo d'elle, que ia occupado.

Fab. XVII. O BURRO E OS GALLOS.

Quem nasceu infeliz, não só passa triste vida, mas até depois da morte o persegue a dura miseria do destino.

Os gallos (sacerdotes) de Cibele, em seo gyro ás esmolas, costumavão andar com um burro, que trazia a carga. Tendo elle morrido de trabalho e pancadas, tirárão-lhe a pelle e fizerão tambores. Interrogados depois por alguem, sobre o que tinhão feito ao seo querido, falárão d'este modo: «Pensava, que depois da morte estaria descansado; porêm, mesmo depois de morto, as pancadas chovem sobre elle.»

LIVRO IV

Prologo

Parece-te, que estamos gracejando e com razão: brincâmos com a penna, emquanto não temos cousa mais importante. Mas considera, attentamente, estes contos: quão grande utilidade acharás nelles? Nem sempre as cousas são as que parecem: a apparencia engana muitos: o entendimento raro attinge o que o cuidado escondeu em logar secreto. Para que eu, que digo isto, não seja julgado sem prova, juntarei a fabulazinha da doninha e dos ratos.

Fab. I. A doninha e os ratos.

Uma doninha, debil pelos annos e pela velhice, não podendo alcançar os velozes ratos, enfarinhou-se, e, se estirou, negligentemente, em um logar escuro. Um rato, julgando, que era cousa de comer, saltou, mas, agarrado, foi morto: segundo, depois terceiro pereceu similhantemente. Seguindo-se outros, chegou

tãobem um matreiro, que, muitas vezes, escapára aos laços e ratoeiras; e vendo, de longe, as insidias do astuto inimigo, diz: «Assim tenhas saude, como és farinha tu, que estás ahi deitado.»

Fab. II. A RAPOZA E O CACHO DE UVAS.

Uma rapoza, apertada pela fome, appetecia um cacho de uvas d'uma alta parreira, saltando com todas as fôrças: como não poude tocar-lhe, diz, retirando-se: «Não está ainda madura; não quero apanhal-a verde.»

Os que deprimem com palavras as cousas, que não podem obter, devem applicar a si este exemplo.

Fab. III. O CAVALLO E O JAVALI.

Um javali, em quanto se revolve, turvou o vao, onde um cavallo costumava mitigar a sêde. D'aqui nasceu uma contenda. O cavallo, irado contra a fera, pediu auxilio ao homem, a quem levando sobre o dorso, voltou ao inimigo. Conta-se, que o cavalleiro, depois de o matar, arremessando-lhe lanças, falou assim:

«Folgo de haver levado auxílio aos teos rogos, porque tomei a prêsa, e conheci, quão util sejas.» E d'este modo obrigou o cavallo a deixar metter os freios. Então elle triste disse: «Emquanto eu, louco, busco vingar-me d'uma pequena cousa, achei a escravidão.»

Esta fábula admoestará os iracundos, que antes se deixem offender impunemente, do que entregarem-se a outrem.

Fab. IV. O poeta.

Farei ver aos vindouros, em breve narração, que, muitas vezes, numa só pessoa ha mais juizo do que em grande número. —

Um certo homem, morrendo, deixou tres filhas; uma, formosa e que attrahia os homens com os olhos; outra, dedicada á fiação da lan e ao govêrno da casa; a terceira, feia e dada ao vinho. Porêm o velho fez herdeira a mãe d'ellas, sob a condição de distribuir, egualmente, a fortuna pelas tres, mas de tal modo que não possuão nem gozem as cousas legadas; e que logo que deixassem de ter estas cousas, darião cem sestercios á mãe. O rumor enche Athenas. A cuidadosa mãe consulta os

jurisperitos: nenhum explica de que modo não possuão o que lhes for dado, nem recebão o fructo d'isso; nem tão pouco, de que modo, ellas, que nada receberem, deem dinheiro. Depois de passado longo tempo, sem se poder entender o sentido do testamento, a mãe procedeu segundo a boa fé, pondo de parte o direito. Para a menos recatada, separa o vestuario, os enfeites de mulher, um lavatorio de prata, imberbes eunuchos: para a que era dada aos trabalhos de lan, pequenos campos, gados, fazenda, trabalhadores, bois, cavalgaduras e instrumentos rusticos: para a que era dada ao vinho, uma adega cheia de antigas vasilhas, uma bella casa e delicadas hortas. Assim, querendo ella entregar as cousas, que tinha destinado, e approvando isto o povo, que lhe conhecia as filhas, Esopo se apresentou, de repente, no meio da multidão, dizendo: «Oh, se permanecesse o sentimento do pae, que está sepultado, quão mal soffreria, que os athenienses lhe não soubessem interpretar a vontade!» Depois rogado, desfez o erro de todos, dizendo: «Entregae á que se dá aos lanificios e aos trabalhos do campo, a casa, os enfeites com as bellas hortas e os vi-

nhos velhos: á que passa a vida com luxo, destinae o vestuario, as perolas, os lacaios, etc.: dae á menos recatada, os campos, as fazendas e os gados com os pastores. Nenhuma d'ellas poderá supportar a posse d'alguma cousa alheia aos seos costumes. A feia venderá os enfeites para comprar vinho: a pouco recatada desprezará os campos para obter enfeites: a que gosta do gado e se dá aos lanificios, venderá a casa de luxo por qualquer quantia. Assim nenhuma possuirá o que lhe for dado; e do preço das cousas, que venderem, darão á mãe o dinheiro estipulado.»

Assim a sagacidade d'um só homem descobriu o que escapára á ignorancia de muitos.

Fab. V. Combate dos ratos e das doninhas.

Fugindo os ratos, vencidos por um exército de doninhas (cuja história se pinta nas lojas) e correndo, espantados, para seos estreitos buracos, se recolhêrão difficultosamente; mas escapárão á morte. Os capitães d'elles, que tinhão atado chifres á cabeça, para que, no combate, os soldados tivessem um signal visivel, que seguissem, encalhárão nas portas e

forão aprisionados; os quaes, sendo immolados, o vencedor metteu na tartarea caverna de seo vasto ventre.

Quando um acontecimento triste opprime qualquer nação, a grandeza dos principes está em perigo, o povo miudo se esconde em facil abrigo.

Fab. VI. O poeta.

Tu, detractor, que censuras meos escriptos, e não gostas de ler este genero de graças, supporta este livrinho com pequena paciencia, emquanto aplaco a severidade de tua fronte, e Esopo se apresenta com cothurnos novos.

Oxalá nunca, no cume do monte Pelio, o pinheiro de Thessalia tivesse caido aos golpes do machado; nem Argos tivesse, para o audaz caminho da morte certa, fabricado, com o auxilio de Pallas, uma embarcação, a primeira, que descobriu as enseadas do inhospito Ponto, para desgraça dos gregos e dos barbaros. Porquanto ainda chora a familia do soberbo Eetes, e os reinos de Pelias estão derribados pelo crime de Medea, que, desfarçando, de varios modos, sua indole cruel, alli

marcou os vestigios de sua fuga com os membros de seo irmão, aqui fez com que as Peliades manchassem as mãos no sangue de seo proprio pae.

Que te parece? Dizes, que tãobem isto é insulso e dicto com falsidade: porque Minos, muito mais antigo, subjugou, com uma armada, o mar Egeo, e lhe domou o impeto com um justo exemplo.

Que posso, pois, escrever para ti, leitor Catão, se nem as pequenas fábulas nem as grandes te agradão? Não queiras ser de todo importuno ás lettras, para que te não causem maior importunação.

Isto é dicto para aquelles, que se enfadão e vituperão o ceo, para serem tidos por sabios.

Fab. VII. A VIBORA E A LIMA.

Aquelle, que acommette com dente mordaz e que é ainda mais mordaz, conheça, que é desenhado nesta fábula.

Uma vibora entrou numa serralheria, e examinando, se havia alguma cousa de comer, mordeu numa lima. Esta, resistindo, disse

em resposta: «Louca, pretendes offender-me com os dentes, a mim, que estou acostumada a roer todo o ferro?»

Fab. VIII. A RAPOZA E O BODE.

O homem sagaz, logoque se vê em perigo, procura achar refugio no mal d'outrem.

Tendo uma rapoza ignorante caido num poço, e estando fechada por uma borda mais alta, um bode sequioso chegou ao mesmo logar: ao mesmo tempo perguntou, se a agua era doce e copiosa? Ella, machínando a fraude, disse: «Desce, amigo: a bondade da agua é tão grande, que a minha vontade não pode saciar-se.» O barbudo metteu-se no poço: então a rapozinha saiu, firmando-se-lhe nos altos paos; e deixou o bode embaraçado no fechado váo.

Fab. IX. DOS VICIOS DOS HOMENS.

Jupiter poz sobre nós um alforge; deitou para traz um dos bolsões cheio dos proprios vicios, e suspendeu adiante o outro, carregado dos vicios alheios.

Por este motivo, não podemos ver os nossos defeitos: somos censores, logo que os outros prevaricão.

Fab. X. O LADRÃO, QUE ROUBA UM ALTAR.

Um ladrão accendeu uma lanterna em um altar de Jupiter e o roubou á sua propria luz. Ao retirar-se, carregado do roubo sacrilego, a sancta religião emittiu, de repente, esta voz: «Se bem que essas dadivas tenhão sido dos maos e aborrecidos por mim, de modo que me não offendo de me serem roubadas, todavia, ó scelerado, expiarás a culpa com a vida, quando, para o futuro, chegar o dia marcado para a pena. Mas para que não allumie o crime o nosso fogo, com que a piedade honra os venerandos deuses, prohibo, que haja similhante troca de luz.» Por isso, hoje, nem é permittido, accender a lanterna na chamma dos deuses, nem o sacrificio na lanterna.

Quantas cousas uteis contenha esta fábula, só quem a inventou, explicará. Em primeiro logar, significa, que, muitas vezes, acharás, como teos maiores inimigos, as pessoas, que

sustentares. Em segundo logar, mostra, que os crimes não são punidos pela ira dos deuses, mas pelo tempo prescripto dos fados. Em último logar, prohibe, que o homem bom em cousa nenhuma se associe com o mao.

Fab. XI. As riquezas são más.

Com razão, as riquezas são aborrecidas pelo homem forte, porque uma arca cheia de dinheiro impede o verdadeiro louvor.

Hercules, recebido no ceo por causa de seo valor, tendo saudado os deuses, que o congratulavão, vindo Pluto, que é filho da Fortuna, desviou os olhos. O pae perguntou a causa. Hercules disse: «Aborreço-o, porque é amigo dos maos, e ao mesmo tempo corrompe tudo, offerecendo lucro.»

Fab. XII. O leão reinando.

Nada é mais util ao homem do que falar sinceramente. Esta sentença, na verdade, deve ser approvada por todos; mas a sinceridade costuma ser conduzida á perdição.

Um leão, tendo-se feito rei das feras, e que-

rendo alcançar fama de equidade, desviou-se do antigo costume, e contente entre ellas com frugal comida, dictava leis sanctas com incorrupta fé. Depois que...

Fab. XIII. As cabrinhas e os bodes.

Havendo as cabrinhas impetrado, que Jupiter lhes concedesse barba, os bodes, entristecendo-se, principiárão a indignar-se, porque as femeas egualassem sua dignidade. Jupiter diz: «Consenti, que ellas gozem d'essa glória van, e usurpem o ornato de vosso dom, com tanto que não egualem vossa fôrça.»

Este argumento admoesta, que soffras, que te sejão eguaes no aspecto os que são deseguaes no valor.

Fab. XIV. O piloto e os marinheiros.

Queixando-se uma pessoa de sua fortuna, Esopo, para consolal-a, inventou esta fábula.

Agitado um navio por terrivel tempestade, entre as lagrimas dos passageiros e o medo da morte, principiou a caminhar seguro com ventos favoraveis, e a encher os nautas de ni-

mia alegria. De subito, o dia toma sereno aspecto. Então o piloto, tornado prudente pelo perigo, disse: «Convem folgar parcamente, e queixar-se com moderação; porque a dor e o prazer se misturão em toda a vida.»

Fab. XV. O HOMEM E A COBRA.

Quem dá auxilio aos maos, arrepende-se algum tempo depois.

Um sujeito levantou uma cobra enregelada, e, compassivo contra si mesmo, a recolheu no seio. A cobra, apenas se refez, matou o homem; e, perguntando-lhe outra a causa do seo crime, respondeu: «Para que ninguem apprenda a fazer bem aos malvados.»

Fab. XVI. A RAPOZA E O DRAGÃO.

Uma rapoza, que estava fazendo uma cova, em quanto escava a terra e faz diversos buracos, cada vez mais fundos, chega á toca d'um dragão, que guardava thesouros occultos. Apenas o viu, disse: «Primeiro, peço, que perdoes minha imprudencia: depois, se bellamente vês, que o ouro não convem á minha vida,

respondas, com bondade, que utilidade tiras d'este trabalho, ou quão grande premio tens, para não dormires e viveres nas trevas?» Elle disse: «Nenhum: mas isto me é determinado pelo supremo Jupiter.» «Nesse caso, nem tiras para ti, nem dás cousa alguma a ninguem?» «Assim apraz aos fados.» «Não quero, que te agastes, se falo livremente: quem é similhante a ti, nasceu estando os deuses irados.»

Tendo tu de partir para onde partírão teos antepassados, para que é que, por cegueira do entendimento, atormentas teo misero espirito? Falo comtigo, avarento, que, para alegria de teo herdeiro, privas de incenso os deuses e a ti mesmo da comida; que, triste, ouves o musico som da cithara; a quem a suavidade das flautas afflige; a quem os preços dos condimentos fazem gemer; que, em quanto juntas pequenas quantias ao teo patrimonio, irritas o ceo com sordido perjurio; que cortas toda a despesa do funeral, para que nem Libitina lucre comtigo.

Fab. XVII. Phedro.

O que a inveja queira julgar, postoque o

dissimule agora, entendo bellamente. Dirá ser de Esopo o que reputar digno de memoria: se alguma cousa menos agradar, apostará, que foi inventada por mim. Quero, que desde já seja refutada com a minha resposta. A obra ou é inepta ou digna de ser louvada: elle a inventou, a nossa mão a aperfeiçoou. Mas prosigamos o nosso começado proposito.

Fab. XVIII. O NAUFRAGIO DE SIMONIDES.

O homem douto tem sempre em si riqueza.
Simonides, que escreveu excellente poesia, principiou a percorrer as cidades nobres da Asia, cantando, por uma paga convencionada, a glória dos vencedores, para mais facilmente supportar a pobreza. Depois que se enriqueceu com esta especie de lucro, quiz voltar á patria pelo mar alto. (Tinha nascido, como dizem, na ilha de Ceos). Embarcou em um navio, que uma tempestade horrivel e ao mesmo tempo a velhice d'elle destruírão no meio do mar. Uns juntão as cintas, outros as cousas preciosas, para succorro da vida. Um certo mais curioso diz: «O' Simonides, não tomas nada de tuas riquezas?» «Todas as mi-

nhas riquezas estão comigo.» Poucos se salvão a nado; porque a maior parte d'elles, estando carregados, perecêrão. Ladrões apparecem, roubão o que cada um salvou, e os deixão nús. Por acaso, estava perto a antiga cidade de Clazomena, a qual os naufragos demandárão. Aqui, um certo homem, dado ao estudo das lettras, que muitas vezes lêra os versos de Simonides e era o maior admirador d'elle ausente, depois de o conhecer pela conversação, recebeu-o, com todo o gôsto, em sua casa, e lhe deu vestuario, dinheiro e escravos. Os restantes levão, pelas ruas o seo painel, pedindo pão; os quaes apenas Simonides viu, saindo-lhes, por acaso, ao encontro, disse: «Affirmei, que todas as minhas cousas estavão comigo: o que vós tomastes, acabou.»

Fab. XIX. O MONTE ESTANDO PARA PARIR.

Um monte, que estava para parir, dava espantosos gemidos, e era no mundo grandissima a expectação. Elle, porêm, pariu um rato. Isto é escripto para ti, que, promettendo muito, nada resolves.

Fab. XX. A FORMIGA E A MOSCA.

Uma formiga e uma mosca disputavão, acremente, sobre qual fosse de mais merecimento. A mosca principiou assim: «Podes tu comparar-te com os nossos meritos? Onde se fazem sacrificios, sou a primeira a provar as entranhas das victimas. Moro dentro dos altares, percorro os templos todos: pouso na cabeça do rei, quando me parece, e colho castos beijos das matronas: nada faço, e gózo das melhores cousas. Que cousas, similhantes a estas, se passão em tua vida, ó rustica.» «É, na verdade, gloriosa a companhia dos deuses; mas para o que é convidado, não para o que é aborrecido. Mencionas rêis e beijos de matronas: quando eu, diligentemeute, accumulo grão para o inverno, vejo-te, ao pé do muro, a comer no estrume. Frequentas os altares; porêm és enxotada, onde quer que pouses: nada fazes, por isso nada tens, quando é necessario. O' soberba, jactas-te do que o pudor deve encobrir. Desafias-me de verão: quando é inverno, calas-te. Quando os frios te obrigão a morrer enregelada, uma casa es-

paçosa me recebe incolume. Com effeito, assaz rebati a tua soberba.»

Esta fabulazinha mostra o character dos homens, que se adornão com falsos louvores, e o d'aquelles, cuja virtude lhes dá solida honra.

Fab. XXI. Simonides salvo pelos deuses.

Acima disse, quanto valem as lettras entre os homens: agora contarei, quão grande honra lhes seja concedida pelos deuses.

Aquelle mesmo Simonides, de quem falei, ajustou, por determinado preço, com um certo athleta, escrever o elogio da sua victória. Procura um logar retirado. Como insignificante assumpto lhe prendesse o estro, usou da licença de poeta, como é costume, e metteu de permeio as duas estrellas de Leda, alludindo á auctoridade de similhante glória. O athleta approvou a obra; mas Simonides recebeu só a terça parte do preço; e pedindo o resto, o athleta disse: «Paguem esses, a quem pertencem duas partes do louvor: mas para que eu veja, que não és despedido iradamente, promette vir cear comigo: quero convidar hoje os meos parentes, em cujo número estás para co-

migo.» Postoque enganado e doendo-se da injúria, prometteu, para não acontecer, que, despedido a mal, perdesse as boas graças d'elle. Foi á hora marcada, e póz-se á mesa. O banquete resplandeceu com a hilaridade dos copos: a casa resoava alegre com grande apparato, quando, de repente, dous mancebos, cobertos de pó, com o corpo alagado de suor, dotados de belleza sobrehumana, mandão dizer a um escravo, que chame Simonides á presença d'elles, e que lhe convinha não demorar-se. O homem perturbado chama Simonides. Apenas se desviou da casa um pé, a ruina da abobada esmagou as demais pessoas; e nenhuns mancebos apparecêrão á porta. Divulgado o facto, ninguem duvidou, que a presença dos deuses dera ao poeta a vida, em logar de paga.

Fab. XXII. O poeta.

Restão-me cousas para escrever, mas de proposito me poupo a isso: primeiro, para que não pareça ser mais importuno a ti, a quem a variedade de muitas cousas distrahe: depois, para que, se alguem quizer tractar do

mesmo assumpto, lhe fique materia; postoque ella abunde em tanta copia, que falta o obreiro á obra, não a obra ao obreiro. Peço, que dês á nossa brevidade o premio, que prometteste. Cumpre tua palavra; porque a vida, cada dia, mais se aproxima da morte. E' gozará, por isso, tanto menos de dadivas, quanto mais tempo a consumir. Se depressa acabar a cousa, mais longo será seo uso: gozarei por mais tempo, se mais breve começar. Emquanto tenho alguns restos de vida languida, ha occasião de me auxiliares: para o futura, tua bondade em vão diligenciará ajudar-me a mim debil pela velhice, quando já deixar de ser util ao beneficio, e a morte vizinha pedir a divida. E' cousa estulta, dirigir-te repetidas súpplicas, sendo tu, naturalmente, inclinado á misericordia. Muitas vezes o reo confesso impetrou perdão: quanto mais justamente deve dar-se ao innocente? E' agora a tua vez; já outros a tiverão; depois, com egual gyro, a outros ha de chegar. Determina, o que a religião e a fé exigem, e faze, que eu me congratule de teo juizo. Meo ânimo foi alem do termo, que se propoz; mas difficultosamente se contêm o espirito, que, conscio de sua sin-

com integridade; é opprimido pelas insolencias dos maos. Perguntarás, quem sejão: apparecerão com o tempo. Eu, emquanto estiver em meo juizo, bellamente me lembrarei d'esta sentença, que outrora li, quando creança: E' perigoso ao plebeo, murmurar publicamente.

LIVRO V

Prologo a Particulo

Havendo eu resolvido pôr termo á obra, para que aos outros ficasse bastante materia, condemnei, comigo mesmo, a minha resolução. Porquanto, se houver alguem, que pretenda exercitar-se no mesmo assumpto, de que modo adivinhará o que omitti, para que deseje escrever isto mesmo, tendo cada um seo modo de pensar e seo character proprio? Não é, pois, a inconstancia, mas uma certa razão, que me deu motivo para escrever. Pelo quê, ó Particulo, visto que te deleitas com as fábulas, que eu chamo esopeas, não de Esopo

(elle apresentou poucas), escreverei mais, adoptando um genero antigo, mas novos assumptos. Emquanto leres, nas horas vagas, o livrinho d'estas fabulas, se a malignidade quizer censural-o, é licito, que o censure, com tanto que não possa imital-o. Alcancei louvor, porque tu e outros similhantes a ti, citaes minhas palavras em vossos escriptos, e me julgaes digno de longa memoria. Desejo ser applaudido pelos homens lettrados.

Poeta.

Se em algum logar metter de permeio o nome de Esopo, a quem já restituí o que devia, sabei, que é por causa da auctoridade; como em nosso seculo fazem alguns artistas, que achão maior preço para as suas obras, se, em seo novo marmore, escrevêrão o nome de Praxiteles, e, na prata, o de Myro. Porquanto a mordaz inveja não favorece mais as boas cousas antigas do que as modernas. Mas sou já levado a uma fabulazinha de tal exemplo.

Fabula. I. DEMETRIO E MENANDRO.

Demetrio, que se chamou Phalereo, occupou Athenas com tyrannico dominio. Como é costume do povo, correm, de todos os lados, á porfia, dando vivas. Os proprios magnates beijão aquella mão, com que são opprimidos, chorando, tacitamente, a triste alternativa da fortuna. Por último, forão tãobem, com passo vagaroso, os que levavão uma vida tranquilla e retirada, para que a falta de comparencia os não prejudique; entre os quaes ia Menandro, illustre por suas comedias, que Demetrio, sem o conhecer, lera; e admirára o talento do varão. Impregnado de perfumes e com roçagante fato, ia a passo effeminado e languido. O tyranno, apenas o viu no fim da multidão, diz: «Como é que aquelle peralvilho se atreve a vir á minha presença?» Os que estavão perto, respondêrão: «É o escriptor Menandro.» Mudou logo de tom.....

Fab. II. OS VIAJANTES E O LADRÃO.

Ião caminhando juntamente, desembaraçados, dous homens, um cobarde, outro intre-

pido. Um ladrão lhes saíu ao encontro e, ameaçando-os com a morte, pediu ouro. O audaz acommettendo logo, repelle a fôrça com a fôrça, mata-o, incauto, com o ferro; e se vingou com sua forte dextra. Morto o ladrão, o companheiro timido acode, desembainha a espada, e, deitando para trás o capote, diz: «Deixa-o comigo; far-lhe-ei sentir com quem se metteu.» Então, o que acommettêra, diz: «Com essas palavras, ao menos, quizera eu, que tu, ha pouco, me tivesses ajudado; eu teria sido mais resoluto, julgando-as sinceras: agora guarda o ferro e egualmente a lingua futil, para que possas enganar outros, que não te conheção. Eu, que experimentei com que fôrça foges, sei, que se não deve dar credito ao teo valor.»

Esta narrativa deve applicar-se ao que é forte na prosperidade, e fugidiço na adversidade.

Fab. III. O calvo e a mosca.

Uma mosca mordeu na cabeça descoberta d'um calvo: este querendo apanhal-a, deu em si uma forte pancada. Então ella escarnecen-

do disse: «Quizeste vingar-te, com a morte, da picada d'um pequenino volatil: que farás a ti, que ao mal juntaste a afronta?» Respondeu: «Comigo facilmente me reconcilio; porque sei, que não houve intenção de offender: mas desejaria, ainda com mais incômmodo, matar-te a ti, damninho animal d'uma geração desprezivel, que te deleitas em beber o sangue humano.»

Esta fábula ensina, que se perdoa, tanto, ao que pecca por acaso, como ao que é nocivo de proposito, postoque julgo, que elle merece castigo.

Fab. IV. O HOMEM E O BURRO.

Um certo homem, tendo immolado um varrão ao sagrado Hercules, a quem devia um voto por sua saude, mandou, que os restos da cevada se deitassem ao burro; os quaes elle desprezou, e disse assim: «De certo eu appeteceria, de boa vontade, a tua comida, se não tivesse sido degollado aquelle, que se nutria com ella.»

Aterrado pelo sentido d'esta fábula, sempre evitei o lucro perigoso. Mas dizes: «Os que

roubárão riquezas, tem. Eia pois, enumeremos os que morrêrão presos. Acharás maior número de castigados. A temeridade é util a poucos, prejudicial a muitos.

Fab. V. O PALHAÇO E O RUSTICO.

Com o injusto favor, os mortaes costumão errar, e emquanto sustentão seo êrro, são levados ao arrependimento pela evidencia das cousas.

Um certo homem rico, tendo de fazer representar jogos famosos, convidou a todos, propondo um premio, para que cada um mostrasse a novidade, que pudesse. Para disputarem o louvor, vierão varios artistas, entre os quaes um palhaço, conhecido por sua graça, disse, que sabia d'um genero de espectaculo, que nunca apparecêra no theatro. O rumor disperso animou a cidade: os logares, pouco antes vasios, não chegão para a multidão. Mas ao apresentar-se o palhaço em scena, só, sem apparato, sem ajudantes, a mesma expectação produziu silencio. Elle, de repente, baixou a cabeça para o seio, e com sua vóz imitou a d'um porquinho, tão bem, que affirmárão, que

um verdadeiro estava debaixo da capa, e mandárão, que fosse sacudida: feito o quê, não se achando nada, enchem o homem de louvores e o seguem com o maior applauso.

Um rustico vio fazer-se isto, e disse: «Por Hercules, não me ha de exceder: declarou logo, que o havia de fazer melhor no dia seguinte. A turba torna-se maior. Já os animos estão prevenidos. Os espectadores sentão-se para escarnecer, não para observar. Um e outro se apresentão. O palhaço grunhiu primeiro, move applausos e suscita clamores. Então o rustico, fingindo, que escondia um porquinho debaixo do fato, o que effectivamente fazia, mas occultando, porque nada se encontrára antes... tocou a orelha ao verdadeiro porco, que tinha escondido; o qual, com a dor, exprimiu a voz da natureza. O povo brada, que o palhaço imitava muito melhor, e obriga o rustico a ser pôsto fóra. Mas elle tira do seio o porquinho, e mostrando o torpe êrro com uma prova manifesta, diz: «Eia pois, este faz ver, que juizes sois.»

O POETA.

Faltão ainda muitas cousas, que eu poderia dizer, e copiosa variedade de cousas abunda. Porêm as argucias moderadas são suaves, as immoderadas offendem. Pelo quê, ó Particulo, varão respeitabilissimo, nome, que ha de viver nos meos escriptos, emquanto se der aprêço á litteratura latina; se não approvas o meo engenho, approva, ao menos, a brevidade, que tanto mais justamente se deve recommendar, quanto mais importunos são os poetas.

Fab. VI. Os dous calvos.

Um calvo achou, por acaso, um pente em uma encruzilhada; outro, egualmente fallo de cabello, chegou e diz: «Olá, qualquer que seja o lucro, é para nós dous.» Aquelle mostrou o achado e, ao mesmo tempo, accrescentou: «A vontade dos deuses nos favoreceu, mas com invejoso fado: achámos um carvão em vez d'um thesouro, como dizem.»

Esta queixa convem áquelle, a quem a esperança illudiu.

Fab. VII. PRINCIPE, TOCADOR DE FLAUTA.

Quando um espirito vão, desvanecido por um frivolo applauso, presume temerariamente de si mesmo; a estulta leviandade é facilmente mettida a ridiculo. Principe, tocador de flauta, foi um pouco mais conhecido, por costumar ajudar Bathyllo na scena. Este, por acaso, em certos jogos, não me recordo bem em quaes, emquanto se desmancha a machina do theatro, caiu desastradamente, quando menos o esperava, e quebrou a tibia esquerda, antes querendo perder duas direitas. Levado em braços e gemendo muito, é conduzido para casa. Passão alguns mezes, até que a cura se realiza. Como é costume dos espectadores, gente amiga de divertir-se; principiou a ser desejado aquelle, por cuja flauta o vigor de quem dansava, costumava excitar-se. Um certo homem tinha de fazer celebrar jogos famosos, e Principe começava a andar. Com dinheiro e rogos o convidou a que só no mesmo dia dos jogos se mostrasse. Chegado o dia, o rumor a respeito do tocador de flauta se espalhou pelo theatro: uns affirmão, que morrêra, outros, que, sem demora, se apresenta-

rá á vista. Levantado o panno e retumbando o trovão, os deuses falárão, segundo o costume. Então, o coro e um hymno conhecido, cujo sentido era: «Alegra-te Roma incolume, estando salvo o principe:» enganárão o flautista, que voltára ao theatro. Levantão-se applausos. O flautista agradece, levando as mãos á bocca, por julgar, que seos protectores o felicitavão. A ordem equestre percebe o êrro estulto, e com grande mofa, manda, que o hymno se repita. O hymno repete-se. O nosso homem debruça-se todo no coreto: os cavalleiros, zombando, applaudem; o povo pensa, que elle pede a coroa. Logo, porêm, que a cousa se percebeu em todos os bancos, Principe, com a perna ligada com uma faxa branca, com um vestuario branco e com calçado branco, ensoberbecendo-se com as honras devidas a uma familia divina, foi pôsto fóra por todos pelas orelhas.

Fab. VIII. A PINTURA DA OCCASIÃO.

Um calvo de testa cabelluda e corpo nú, correndo, com veloz carreira, sobre uma navalha, o qual deves reter, se alcançares; por-

que, uma vez escapo, nem o proprio Jupiter o pode apanhar; significa a breve occasião das cousas.

Os antigos fingírão esta imagem do tempo, para que a demora não impedisse os effeitos.

Fab. IX. O touro e o novilho.

Como um touro, fazendo esfôrço com os chifres, por uma passagem estreita, mal pudesse entrar para a manjadoura, um novilho lhe mostrava de que maneira se dobrasse. O touro diz: «Cala-te, isso sabia eu, antes de tu nasceres.»

Quem emenda um douto, entenda, que isto lhe é applicado.

Fab. X. O caçador e o cão.

Um cão forte, que sempre satisfizera a seo dono contra todas as feras velozes, principiou, carregado de annos, a perder as fôrças. Um dia, luctando com um javali, agarrou-o por uma orelha; mas, por ter os dentes cariados, largou a prêsa. Então, o caçador, descontente, reprehendia o cão. O velho lhe respondeu

ladrando: «Não me desamparou o animo, mas as fôrças. Elogias o que fomos, condemnas o que já não somos.»

Bellamente vês, ó Phileto, por que razão escrevi isto.

APPENDICE

Fab. I. O MILHAFRE DOENTE.

Um milhafre, estando doente ha muitos mezes, e não tendo já esperança de vida, pedia a sua mãe, que fosse visitar os logares sanctos e fizesse os maiores votos pela sua saude. Ella disse: «Farei isso, meo filho; porêm muito receio, que nada alcance: tu, que, devastando os tempos, profanaste todos os altares, não poupando os sacrificios, que queres, que eu peça agora?»

Fab. II. AS LEBRES ENFASTIADAS.

Quem não pode sopportar o seo mal, olha para os outros e apprenda a tolerancia.

Um dia, as lebres, espantadas pelo grande estrepito, que ouvião nos bosques, clamão, que por causa dos continuos medos querem acabar com a vida. Assim, as miseras chegárão a um lago, para nelle se precipitarem. Como á sua chegada, as rãns, cheias de medo, fugissem a toda a pressa para os verdes sargaços, uma das lebres diz: «Olá, outros há tãobem, que o temor dos males afflige. Levae a vida, como os outros.»

Fab. III. A rapoza e Jupiter.

Nenhuma fortuna encobre o natural torpe.

Havendo Jupiter, dado á uma rapoza a figura humana, assim que a concubina se sentou no regio throno, viu um escaravelho saindo d'um canto; e a passo accelerado saltou sobre a conhecida prêsa. Os deuses rirão se: o grande pae envergonhou-se e repudiou a torpe concubina, dizendo-lhe: «Vive como mereces, tu que não podes usar dignamente dos nossos beneficios.»

Fab. IV. O leão e o rato.

Esta fábula admoesta, que ninguem offenda os mais pequenos.

Estando um leão a dormir num bosque, os ratos do campo andavão brincando; e um por acaso passou por cima d'elle. O leão, acordando, apanhou o misero com impeto: o rato pede, que lhe seja dado perdão; confessa o crime, commettido por imprudencia. O rei, não julgando glorioso, vingar-se d'isto, perdoou e o largou. Poucos dias depois, o leão, emquanto vagueava de noite, cae numa cova. Logo que se viu illaqueado, começou a rugir com estrondosa voz, á qual o rato, acudindo immediatamente, diz: «Não tens que temer, far-te-ei um favor egual ao grande beneficio.» Logo entrou a examinar as cordas e os nós da rede, e com os dentes desata os artificiosos laços. Assim um rato restitue um leão ás selvas.

Fab. V. O homem e as árvores.

Deitão-se a perder os que dão auxilio a seos inimigos.

Feito um machado, certo homem pede ás árvores, que lhe dessem um cabo de madeira, que fosse rija: todas concordárão, que se desse o zambujeiro. Recebeu a dadiva, e, apparelhando o cabo, entrou a derribar os troncos com o grande machado. Emquanto escolhia as que queria, conta-se, que o carvalho dissera assim ao freixo: «Com razão somos derribados.»

FIM.

INDICE

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Appendice

OBRAS DE JOÃO FELIX PEREIRA

Que se vendem na livraria **Martins Lavado**, Lisboa, rua Augusta n.º 95.

Este signal * pôsto antes dos titulos d'algumas obras, mostra, que as respectivas edições se esgotárão e não se reproduzírão.

Alem das obras, que tem sido publicadas separadamente, vão tãobem mencionados, neste catalogo, alguns escriptos, os mais extensos, publicados pelo auctor, em jornaes litterarios e scientificos.

* As expedições de Dario e Xerxes contra a Grecia, traduzidas do grego (1844).................... 240rs.
* História de Portugal, desde o princípio da monarchia até á morte de D. João VI, em 1826, 3 vol, (1846–1848) ....2$080 »
* Compendio da história de Portugal, para uso dos alumnos do 4.º e 5.º annos dos lyceos nacionaes (1.ª edição 1848, 2.ª ed. 1853, 3.ª ed. 1860)........................ 600 »

Cholera-morbus: o artigo *cholera* da

Cyclopedia britannica, traduzido do inglez (1848).................... 240 »

* Chirurgomicroscopiatromachia (1849) .... 120 »

O colosso de Rhodes, uma das maravilhas do mundo (1849)....... —

Na Assembleu Litteraria.

Compendio da chorographia de Portugal, para uso das aulas de instrucção primária e secundária (1.ª edição 1850, 2.ª ed. 1851, 3.ª ed. 1852, 4.ª ed. 1853, 5.ª ed. 1854, 6.ª ed. 1855, 7.ª ed. 1856, 8.ª ed. 1857, 9.ª e 10.ª eds. 1858, 11.ª ed. 1859, 12.ª e 13.ª eds. 1860, 14.ª e 15.ª eds. 1861, 16.ª ed. 1862, 17.ª e 18.ª eds. 1863, 19.ª e 20.ª eds. 1864, 21.ª ed. 1865, 22.ª e 23.ª eds. 1866, 24.ª e 25.ª eds. 1867, 26.ª e 27.ª eds. 1868, 28.ª e 29.ª eds. 1869, 30.ª e 31.ª eds. 1870) .... 240 »

Resumo da história de Portugal, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe (1.ª edição 1850, 2.ª ed. 1851, 3.ª ed. 1853, 4.ª ed. 1855, 5.ª ed. 1858, 6.ª ed. 1860, 7.ª ed. 1864)..................... 200 »

As primeiras cinco edições do precedente opusculo saírão com este titulo — Resumo da história de Portugal, para uso das aulas de instrucção primária.

Systema do mundo (1850)........ —

E' uma collecção de artigos, publicados no terceiro volume da Revista Popular.

Calendario (1850)............... —

E' uma serie de artigos, insertos no Atheneo.

A expedição dos argonautas (1850). —

São artigos, publicados no primeiro volume da Semana.

O areopago e a liga amphictyonica (1850)...................... —

São artigos publicados no Atheneo.

Anesthesia cirurgica. These defendida, no dia dezaseis de oitubro de 1851, na eschola medico-cirurgica de Lisboa, (1.ª edição 1850, 2.ª ed. 1851)..................... 240 »

A primeira edição foi publicada, parte, no Jornal de pharmacia e sciencias accessorias, de Lisboa, redigido pelos pharmaceuticos J. Tedeschi e V. Tedeschi; e parte, no Jornal de medicina e sciencias accessorias, redigido pela socieda-

de Emulação medico-cirurgica, de Lisboa.

A operação da cataracta por extracção (1850–1851)............. —

Artigos no Jornal da sociedade das sciencias médicas de Lisboa, e no Jornal de medicina e sciencias accessorias, redigido pela sociedade Emulação medico-cirurgica de Lisboa.

* Febre amarella; o artigo *febre amarella* da Cyclopedia britannica, traduzido do inglez (1851)......... 240 »

Compendio de chronologia, para uso das aulas de instrucção secundária (1.ª edição 1851, 2.ª ed. 1858, 3.ª ed. 1864, 4.ª ed. 1868)...... 480 »

A reforma ou a revolução religiosa do seculo dezaseis (1851)....... —

Este opusculo consta de muitos artigos, publicados no quarto volume da Revista Popular.

A Lusitania (1851)............... —

Na Revista Popular, volume quarto.

O sonho de Galileo (1851)........ —

Na Revista Popular, volume quarto

Delphos e a Pythonissa (1851)..... —

Na Revista Universal Lisbonense, 2.ª serie. tom. 3.º

Terceiro relatorio annual, sobre a efficacia therapeutica das cadeias galvano-electricas de Goldberg, na sua applicação contra as molestias rheumaticas, gottósas e nervosas, de todas as especies; traduzido do allemão (1852)................ 120 »

Rudimentos de geometria, destinados, principalmente, para os alumnos, que frequentão as aulas de geographia, chronologia e história (1.ª edição 1852, 2.ª ed. 1858, 3.ª ed. 1867)......................... 240 »

Compendio de geographia, para uso das aulas do 4.º e 5.º annos dos lyceos nacionaes (1.ª edição 1852, 2.ª ed. 1853, 3.ª ed. 1858, 4.ª ed. 1861, 5.ª ed. 1863, 6.ª ed. 1864, 7.ª ed. 1868, 8.ª ed. 1871)..... 600 »

Compendio da história sagrada, para uso das aulas de instrucção secundária (1.ª edição 1852, 2.ª ed. 1860, 3.ª ed. 1861, 4.ª ed. 1863)..... 360 »

Compendio da história sagrada, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe; e, tãobem, para uso das aulas de instrucção primária (1.ª edição 1852, 2.º ed. 1859. 3.ª ed.

1861, 4.ª ed. 1862, 5.ª ed. 1867). 200 »

O visionario (*Der Geisterseher*), romance de Schiller, traduzido do allemão (1852)................. 400 »

Esta traducção é precedida da biographia de Schiller.

Resumo da história de Portugal, para uso das aulas de instrucção primária (1.ª edição 1853, 2.ª ed. 1854, 3.ª ed. 1857, 4.ª ed. 1860, 5.ª ed. 1862).................... 80 »

Este resumo tem 68 paginas.

Rudimentos de arithmetica, para uso das aulas de arithmetica (as quatro operações, em numeros inteiros e fraccionarios) comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe; e, tãobem, para uso das aulas de instrucção primária (1.ª e 2.ª edições 1853, 3.ª ed. 1858, 4.ª ed. 1863)..................... 200 »

A 1.ª e 2.ª edições d'este opusculo tinhão por titulo—Rudimentos de arithmetica accommodados aos programmas, que regulão os exames preparatorios d'esta disciplina, em a eschola polytechnica e no lyceo nacional de Lisboa.

Para os exames do lyceo, serve a 4.ª edição; para os da eschola po-

lytechnica, ha já outro programma.

Abrégé de l'histoire de Portugal (1853) 600 »

Fábulas de Lessing, traduzidas do allemão (1853)................ 300 »

Esta traducção é acompanhada do texto original e precedida da biographia de Lessing.

Logica ou analyse do pensamento (1853)...................... 400 »

Elementos de geometria, para uso dos lyceos (1854)............ 800 »

Estes elementos são precedidos da história resumida da geometria.

Abridgement of the history of Portugal (1854)...................... 600 »

Chorographia do Brazil (1854)..... 600 »

Cyropedia *(Kyroupaideia)*, ou história de Cyro, escripta em grego por Xenophonte, e traduzida do original (1854)..................... 600 »

Lsta traducção é precedida da biographia de Xonophonte, eminente historiador, philósopho e general da antiguidade.

Pbeceitos de civilidade, para uso das aulas de instrucção primária (1.ª edição 1856, 2.ª ed. 1858, 3.ª ed. 1861, 4.ª ed. 1863, 5.ª ed. 1864, 6.ª ed. 1865, 7.ª ed. 1866, 8.ª ed. 1867, 9.ª ed. 1869, 10.ª ed. 1870) 100 »

Principios de moral e catechismo ou Compendio da doutrina christan, para uso das aulas de instrucção primária, approvado pelo Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha (1.ª edição 1858, 2.ª ed. 1860, 3.ª ed. 1861, 4.ª ed. 1864, 5.ª ed. 1865, 6.ª ed. 1868, 7.ª ed. 1870) 100 »

Mappa de Portugal, para intelligencia do compendio de chorographia portugueza, acima indicado (1858).. 60 »

Mappa de Portugal, para intelligencia do mencionado compendio de chorographia portugueza, em escala maior que o antecedente (1858) 100 »

Resumo da história de Portugal, pelo methodo dialogal, para uso das aulas de instrucção primária (1858). 80 »

Este resumo contêm, exactissimamente, a materia do resumo, que acima indicámos; a differença está sómente, no methodo.

Epithome da história sagrada, em verso rimado endecassyllabo (1858). 240 »

O compendio da história sagrada, acima indicado, é o desenvolvimento, em prosa, d'este pequeno poema biblico.

Diccionario allemão-portuguez e portuguez-allemão, Neues Deutsch-

Portugiesisch und Portugiesisch-Deutsch Handworterbuch, 2 vol.. 1$500 »
D'esta obra, está publicada a primeira parte (allemão-portuguez) *até á lettra H.*

Primeiro livro da história dos gregos e dos persas por Herodoto, traduzido do grego (1859) .... 400 »
Este primeiro livro contêm, principalmente, á história de Cyro, um dos maiores personagens da antiguidade.

Compendio da história de França, tirado, textualmente, dos Estudos Históricos de Chateaubriand, traduzido do francez (1859) .... 500 »

História da philosophia, traduzida do francez (1859).................. 500 »
Esta obra, bem como a anterior, não estão completas.

* Compendio de geographia elementar, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe; e, tãobem, para uso das aulas de instrucção primária (1.ª edição 1860, 2.ª ed. 1861. 3.ª ed. 1862) .... 240 »
A 1.ª edição d'este opusculo tinha por titulo—Resumo de geographia

physica, politica e commercial, para uso das aulas de instrucção primària.

Apreciação philosophica dos descobrimentos dos portuguezes e das razões, que os determinárão. Seos effeitos sobre a civilização, na Europa e no oriente.

These de concurso para a quinta cadeira do curso superior de lettras, sustentada, perante a academia real das sciencias de Lisboa, no dia nove de fevereiro de 1860 (1860) 240 »

Compendio de história elementar, para uso das aulas de geographia e história elementares, comprehendidas no 1.º anno dos lyceos nacionaes de 1.ª classe (1.ª edição 1861, 2.ª ed. 1863)................. 200 »

Primeiras noções de desenho linear, para uso dos alumnos dos lyceos nacionaes (1.ª edição 1861, 2.ª ed. 1863, 3.ª ed. 1864)........... 400 »

Os mysterios de Eleusis (1862). . . . —

Annotação aos Fastos de Ovidio, traduzidos pelo sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho; tom. 2.º pag. 658.

Natureza e extensão do progresso, considerado como lei da humanidade.

Applicação d'esta lei ás bellas artes. These de concurso, para a 5.ª cadeira de curso superior de lettras, sustentada perante a academia real das sciencias de Lisboa, no dia 10 de março de 1863 (1863). 200 »

História da edade média, 2 vol. (1863 --1866)......................1$000 »

Primeiras linhas da grammatica portugueza (1863).................. 200 »

Compendio das materias de instrucção primária, que fazem objecto do exame de admissão nos lyceos nacionaes, accommodado ao programma, ultimamente publicado pelo conselho geral de instrucção pública (1.ª e 2.ª edições 1864, 3.ª ed. 1867)...................... 600 »

Este livro, que está, exactamente, adaptado a todo o dicto programma, de maneira que o alumno de instrucção primária não precisa de nenhum outro livro, consta, como o programma, a que se refere, das seguintes partes:

1.ª parte. Rudimentos da grammatica portugueza.
2.ª parte. Doutrina christan.
3.ª parte. Principios de civilidade

podem ser visitados os navios, suspeitos de se empregarem na tráfico da escravatura? Direito convencional sobre a visita e captura d'estes navios.
1.ª lição de concurso, para a cadeira de direito maritimo internacional da eschola naval, recitada no dia 21 de septembro de 1864, perante o corpo cathedratico da mesma eschola, e escripta por tachygraphos (1864)............... 200 »
Colonias, fundadas pelos inglezes, francezes e demais nações do norte da Europa; rivalidades coloniaes e guerras maritimas, a que derão logar no seculo XVIII, tanto, estas rivalidades, como, as pretenções insolitas de supremacia maritima e senhorio dos mares.
2.ª lição de concurso, para a cadeira do direito maritimo internacional da eschola naval, recitada no dia 27 de septembro de 1864, perante o corpo cathedratico da mesma eschola, e escripta por tachygraphos (1864).............. 200 »
Almanach do lavrador, para o anno de 1866, primeiro anno (1865)... 200 »
Nesta obra collaborou o sr. João

Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Principios de physica, accommodados ao programma, publicado pelo conselho geral de instrucção publica, para uso dos lyceos; e ao programma, adoptado pela eschola polytechnica, para regular os exames de habilitação nesta sciencia (1865) .... 800 »

O arroz e os arrozaes, com relação á agricultura e á hygiene

Lição recitada pelo auctor, como alumno, na aula de agricultura geral do instituto agricola de Lisboa, no dia 29 de março de 1865 (1865) —

São differentes artigos, publicados no tomo septimo do Archivo Rural.

História geral do commercio, navegação e indústria, para uso dos alumnos da 2.ª cadeira da eschola do commercio de Lisboa, 2 vol. (1866-1867) ....1$500 »

A peste bovina, traducção do allemão (1866).................... —

Esta traducção é parte do regulamento sobre a policia sanitaria veterinaria, publicado, em 1859, no imperio de Austria.

São differentes artigos, publicados

nos volumes oitavo e nono do Archivo Rural.

Almanach do lavrador, para o anno de 1867. segundo anno (1.ª edição 1866, 2.ª ed. 1867)............ 100 »

Nesta obra, collaborou o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Juizo critico do dr. J. B. Ullersperger, sobre a memoria do dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga: «Apontamentos ácerca das ectocardias, a proposito d'uma variedade não descripta, a trochocardia»... —

Este opusculo é uma traducção, publicada em os numeros 20 e 21 da Gazeta medica de Lisboa, 1866, d'um extenso artigo, inserto em os numeros 39 e 40 do jornal allemão Aerztliches Intelligenz Blatt, 1866

Algumas palavras sobre a questão da grande e da pequena cultura. These defendida no dia 26 de oitubro de 1866, no instituto geral de agricultura (1866).......... —

Esta these foi publicada, nos livretes de oitubro, novembro e dezembro do Archivo Rural.

Curso de physica, com suas principaes applicações á meteorologia, ás

artes e á medicina; 2 tomos (1866) 2$500 »

As materias d'esta obra estão distribuidas do seguinte modo:

1.º tomo. Ponderaveis.

2.º » Luz.

3.º » Calor.

4.º » Electricidade e magnetismo.

5.º » Atlas.

História de Roma, para uso das escholas (1867)................. 600 »

Almanach do lavrador, para o anno de 1868, terceiro anno (1867)... 100 »

Nesta obra collaborou o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Acção pathologica do acido carbonico, em excesso, no sangue...... —

Este interessante escripto do dr. Herzog, de Pest, foi publicado, em portuguez, na Gazeta Medica de Lisboa, principiando no número 15 de 1867.

Compendio de geographia commercial e industrial, para uso dos alumnos da 2.ª cadeira da eschola do commercio de Lisboa (1868).........1$200 »

Character dos doze Cesares, e genero de morte, que tiverão (1868).. —

Na encyclopedia Popular, publicada pelo sr. João José de Souza Telles, n.º 15 e seguintes

Almanach do lavrador, para o anno de 1869, quarto anno (1868).... 100 »
Nesta obra, collaborou o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Almanach da saude, para o anno de 1869, 1.º anno (1868).......... 200 »
Nesta obra, foi collaborador outro médico, cujos artigos estão firmados com um X.

O natal de Roma (il natale di Roma) Dissertação academica do senhor marechal duque de Saldanha, embaixador extraordinario de Portugal, juncto da sancta sé; traduzida do italiano (1868)............. —
Foi publicada em folhetim, no jornal politico a Nação.

O paraiso perdido, poema de Milton, traduzido do inglez para portuguez, em verso branco endecassyllabo (1868-1869)............... —
Publicou-se, todo, em folhetins, no jornal politico, a Nação, desde o número 6258 (28 de novembro de 1868) até ao número 6497 (21 de septembro de 1869).
E' a terceira traducção em verso, completa, que se tem feito, em portuguez, do grande poema de Milton. A primeira é de Francisco Bento Maria Targini, visconde de

S. Lourenço publicada em 1823; a segunda é do dr. Antonio José de Lima Leitão, publicada em 1840.

História da Grecia, para uso das escholas (1869)................ 500 »

Os ponctos capitaes da doutrina sobre a tuberculose pulmonar, na actualidade (1869)...............

Este opusculo foi publicado pelo dr. J. B. Ullersperger (de Munich) no jornal allemão Aerztliches Intelligenz-Blatt, 1868, *e reproduzido, em portuguez, na* Gazeta médica de Lisboa.

A medicina e os medicos em Portugal (1869)...................... —

Publicação feita pelo dr. J. B. Ullersperger (de Munich) no jornal allemão Aerzliches Intelligenz-Blatt, 1868, *e vertida para portuguez,* na Gazeta Medica de Lisboa.

Compendio de principios geraes de economia e legislação rural (1869) —

A publicação d'este compendio foi feita no Archivo Rural, começando a pag. 379 do 11.º ánno. O livro manuscripto foi apresentado, pelo auctor, em concurso, aberto pelo govêrno, mas foi rejeitado.

Compendio de história universal, para uso dos lyceos: 3 tomos (1869) 2$250 »

Almanach do lavrador, para o anno

de 1870, quinto anno (1869..... 100 »
Nesta obra collaborou o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Compendio de história moderna, traduzido do inglez (1869)......... 500 »

O paraiso perdido, poema de Milton, traduzido em prosa, de inglez para portuguez (1869--1870)........ —
Publicou-se, todo, em folhetins, no jornal politico, a Nação, desde o número 6505 (30 de septembro de 1869) até ao número 6831 (20 de novembro de 1870)
E' a primeira traducção portugueza, completa, em prosa, feita directamente do original inglez. A traducção do padre José Amaro da Silva, publicada em 1789, é, com toda a evidencia, feita sobre uma traducção franceza, anonyma, cuja segunda edição se publicou em 1757.

Diagnose da syphilis cerebral. Dissertação inaugural, apresentada á faculdade de medicina da universidade de Zurich, por Frederico Hess; traduzida do allemão (1870) —
Foi publicada na Gazeta médica de Lisboa.

Cartilha hygienica, para os cultivadores de arroz e habitantes de terras pantanosas.

Memoria premiada pelo instituto médico valenciano, no anniversario de 1865, com medalha de ouro e titulo de socio de merito, adjudicados ao seo auctor, o dr. J. B. Ullersperger; traduzido do hespanhol (1870) .... —

Foi publicadr na Gazeta Médica de Lisboa.

Quadro da vida pastoril.

Traducção, em verso, das primeiras 22 estancias do canto VII do original italiano da *Gerusalemme Liberata* de Tasso (1870) .... —

No Archivo Rural, 12.º anno.

Duas palavras sobre a história da agricultura na antiguidade (1870) —

No Archivo Rural, 12.º anno.

Almanach do lavrador, para o anno de 1871, sexto anno (1870)..... 100 »

Neste opusculo collaborou o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, lente do instituto geral de agricultura.

Noções elementares de agricultura, para uso dos professores e dos alumnos de instrucção primária, redigidos em conformidade com o programma publicado pelo govêrno (1870)...................... 300 »

Principios fundamentaes do zoote-

chnia geral (1870)............... —
No Archivo Rural, 13.º anno.

Estudo sobre a estatistica da cidade de Munich, pelo dr. Carlos Wibmer: traduzido do allemão (1871). —
Na Gazeta Médica, 19.º anno.

O Messias, epopeia de Klopstock, traduzida, em prosa, do original allemão para portuguez (1871).... —
Está saindo em folhetins no jornal politico, a Nação, tendo começado em o número 6896.

Juizo critico do dr. J. B. Ullersperger, sobre a memoria do dr. P. F. da Costa Alvarenga: «Estudo sobre as perforações cardiacas e em particular sóbre as communicações entre as cavidades direitas e esquerdas do coração, a proposito d'um caso notavel de teratocardia:» publicado na Pester medizinisch-chirurgische Presse: traduzido do allemão (1871)................... —
Na Gazeta Médica, 19.º anno.

Os effeitos physiologicos da pressão do sangue. Dissertação de concurso, recitada na faculdade de medicina de Leipzig pelo professor C. Ludwig: traduzido do allemão (1871). —
Na Gazeta Médica, 19.º anno.